

## Comunicações

### **Azulejos do antigo Solar Bom Gosto: painéis acondicionados no Museu de Arte Sacra – UFBA**

Zeila Maria de Oliveira Machado

Restauradora de bens móveis e integrados  
Mestre em história da arte – EBA/UFBA

#### **Resumo**

O Solar Bom Gosto, também conhecido como Solar Aguiar é uma edificação do primeiro quartel do século XIX, construída pelo comerciante português Pedro Barbosa de Madureira, falecido em 1868, em seguida Francisco Pereira de Aguiar, genro de Pedro Barbosa, o adquire e no ano de 1933 o Solar foi demolido para então ser construído o Hospital Universitário Professor Edgar Santos da Universidade Federal da Bahia. Sua construção era de pé direito alto, espaçosos corredores, áreas internas com pátios centrais, conforme o clima exigia, os quartos abriam e assim transcorria a intimidade que se comunicava com os amplos espaços em torno, aramados de balaustradas e preciosos azulejos oriundos de Portugal, contavam histórias bíblicas e heroicas, encimados por cornijas douradas e tetos apainelados. Dentre esses ornatos salvou-se o acervo azulejar que foi removido e parte dele encontra-se no prédio da Reitoria da UFBA. A outra parte está acondicionada no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia. Estes painéis foram encontrados em caixas de madeira sem identificação, muitas peças fragmentadas e, conseqüentemente com muita sujidade, sendo assim, constatou-se a necessidade de uma intervenção imediata que foi realizada através do Projeto de Estudos dos Azulejos do Museu de Arte Sacra com apoio da SEPLANTEC, entre os meses de agosto e outubro de 2001. O artigo apresentado trata de parte da coleção de painéis de azulejos oriundos do Solar Bom Gosto na cidade de Salvador – Bahia. A ação foi desenvolvida com a limpeza das peças, separação dos azulejos por motivos e cor, identificação dos painéis pela numeração original, quantificação dos painéis e diagnóstico do estado de conservação. Foram identificados a existência de quarenta e três painéis de azulejos entre os séculos XVIII e XIX, figurados com motivos florais, sacros, profanos e apenas dois com cenas musicais. O resgate de tal patrimônio dará a oportunidade às novas gerações de conhecerem, apreciarem e desfrutarem de grande parte deste encantador acervo, o qual prima pela opulência, variedade de temas e riqueza de molduras e que até recentemente não era possível ser restaurado por limitações técnicas.

**Palavras-chave:** Azulejos, conservação, preservação, patrimônio.

## INTRODUÇÃO

Os silhares de azulejos acondicionado no Museu de Arte Sacra fazem parte do mesmo grupo da coleção do edifício da Reitoria da UFBA que são provenientes do Solar Bom Gosto (Palacete Aguiar), de aspecto neoclássico e rococó basicamente. O Solar foi construído na primeira metade do séc. XIX pelo negociante português Pedro Barbosa de Madureira, e que se situava nas vizinhanças do atual Campus Universitário. Demolido em 1933, tendo parte de seus azulejos sido removidos, guardados e reaproveitados em 1953, quando da construção do prédio da Reitoria da UFBA e a outra parte acondicionada em caixotes de madeira e guardados por cerca 82 anos e encontrados no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia no ano de 1997, não se tendo a data precisa de quando os mesmos chegaram nesta instituição.

Os painéis que foram salvos e direcionados para Reitoria estão localizados na portaria, secretaria, contadoria, salão e galeria de recepção, gabinete do Reitor, sala de espera, sala do chefe de gabinete e galerias do universitário e da administração. Os azulejos são agrupados em 13 séries diferentes, caracterizadas por seus enquadramentos e coloridos e mais quatro painéis isolados oriundos de Portugal. A maioria dos painéis aparece na cor azul sobre fundo branco. Alguns apresentam moldura policroma com o uso do amarelo, verde e roxo. Os temas escolhidos são a caça, a pesca, o galanteio, damas e jogos nos quais os personagens são revestidos à moda do último quartel do séc. XVIII e início do XIX. Os azulejos historiados, mitológicos e bíblicos parecem ter sido inspirados em obras circulares, na época.

No momento da descoberta destes silhares na gestão do Professor Eugênio Lins, o mesmo entrou em contato com um projeto da UFBA – UFBA Cidadania que tratava de oficina de restauração de bens móveis com jovens carentes do Projeto Axé e FUNDAC e teve uma duração de um ano, mas infelizmente não houve muito sucesso devido ao tempo de treinamento e finalização deste projeto. No ano de 2000, na gestão de Francisco Portugal, o mesmo retoma o assunto com o intuito de dar destino aos painéis de azulejos e desenvolve um projeto – Estudo dos Azulejos do Museu de Arte Sacra (Solar Bom Gosto), pois entende que há uma grande necessidade de se definir a quantidade de painéis existentes, o estado de conservação dos mesmos para então saber o que fazer.

O resultado do projeto foi muito satisfatório por ter definido esta quantidade onde foi encontrado quarenta e dois painéis sendo que trinta e quatro estavam prontos para serem restaurados e cinco passíveis de estudo mais profundo por ter uma grande quantidade de perdas.

Pretende-se neste artigo destacar o estado de conservação destes painéis, apontando a quantidade encontrada e destacar os três silhares que tratam da iconografia musical.

## O SOLAR AGUIAR OU SOLAR BOM GOSTO

Também conhecido como Solar Bom Gosto, o que se sabe sobre ele é muito pouco, uma vez que foi demolido no ano de 1933 finalizando, portanto, parte de sua história, restando as lembranças daqueles que viveram e deixaram seus relatos em crônicas escritas sobre a importância da família na sociedade baiana, como também a sua maior riqueza - o acervo azulejar datados do terceiro quartel do século XVIII até início do século XIX e o apontamento físico registrado pelo fotógrafo Durval Guerra (Fig. 1 e 2) em seu *Álbum das curiosidades da Bahia*.



Figura 1: Fachada do Solar com escadaria e porão alto. Foto: Imagens do acervo de Luiz Américo Lisboa Junior obtida através da página do facebook: "Bahia, Histórias & Encantos" de Heraldo Lago Ribeiro.



Figura 2: Pátio interno. Foto: Imagens do acervo de Luiz Américo Lisboa Junior obtida através da página do facebook: "Bahia, Histórias & Encantos" de Heraldo Lago Ribeiro.

Construído pelo comerciante português Pedro Barbosa de Madureira e retratando características do período neoclássico, julgados através das imagens registradas pelo fotógrafo Durval Guerra, conforme citado acima. Pedro Barbosa de Madureira faleceu em 1868 passando a propriedade para Francisco Pereira de Aguiar, genro de Pedro Barbosa de Madureira. Para se ter uma ideia do que seria tal edificação VALLADARES (1953, p. 33) cita descrição de cronista que marca a importância da família para sociedade baiana.

Alto pé direito, largos corredores, áreas internas ajardinadas ou pátios centrais, como o clima pedia, pois os quartos de habitações davam para fora e para aí, intimidade, comunicante pelos largos espaços em torno, cercados de balaustradas. Silhares de preciosos azulejos antigos, que vieram do Reino, contavam histórias bíblicas e heroicas, encimados por cornijas douradas, sobre as quais corriam tetos apainelados.

Afim de uma análise comparativa com o prédio do Solar Conde dos Arcos e Associação Comercial da cidade de Salvador (Fig. 3 e 4) pela sua fachada com janelas, escadaria, porão alto, arcadas, balaústres e azulejaria, nas devidas proporções estruturais. O Solar Conde dos Arcos acolhe um acervo azulejar do início do século XIX, localizado na proximidade do antigo Solar Bom Gosto, ambos se assemelham bastante e a Associação Comercial é um prédio muito mais imponente, com características de um neoclássico refinado e também acolhe azulejaria do final do século XIX.



Figura 3: Fachada do Solar Conde dos Arcos. Foto: <http://atarde.uol.com.br/coluna/ronaldojacobina/1683610-palacio-conde-dos-arcos-vai-a-leilao-para-saldar-dividas-premium>



Figura 4: Associação Comercial da Bahia. Foto: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=956904>.

No local do Solar foi construído o Hospital Universitário Professor Edgar Santos da Universidade Federal da Bahia, conhecido como Hospital das Clínicas e ao seu lado o prédio da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, onde foi assentado parte do acervo azulejar e outra parte foi recolhida no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia. O grande estudioso da azulejaria portuguesa, Santos Simões, que realizou o inventário dos azulejos portugueses no Brasil, fez análise do acervo que orna o prédio da reitoria. SIMÕES (1965, p. 153-154):

Como se vê toda esta azulejaria cabe em uma única encomenda e, como bem frisou Valladres, não há discrepância fabriqueira pelo facto de aparecerem simultaneamente ornados do rococó e enquadramentos neoclássicos. Nem a indumentária pode determinar rigorismos cronológicos, pois que a figuração se inspira diretamente em gravuras e estampas que andavam no repertório vulgar dos azulejeiros, desde os princípios do século XVIII. É a tipologia e as características técnicas do colorido e do desenho que nos levam a aproximar os azulejos da Reitoria a tantos semelhantes que se encontram em Portugal e até no Brasil, permitindo mesmo datações de certo rigor. Assim, são de 1790-1800 os azulejos do antigo convento de Refóios do Lima (Ponte de Lima, Portugal) e que foram alvo de uma monografia de Tomaz Mendes Norton cuja fantasia o levou a considerá-los feitos por ... Rafael Sanzio, de Urbino!

Da primeira década do século XIX mais precisamente entre 1806-08 são os azulejos da Quinta das Abóbadas, em Alcanhões, alguns dos quais foram feitos das mesmas estampas que serviram aos da Reitoria. É difícil atribuir a fabricação a qualquer oficina em especial e não é prudente dá-los à Fábrica Real (do Rato) a qual por esse tempo parece ter abandonado o fabrico de azulejos. Existiam em Lisboa várias oficinas onde se praticava a azulejaria, mas de nenhuma nos ficou testemunho, em espécies, que possa com segurança servir para firmar atribuições.

A adaptação destes painéis no novo prédio da Reitoria foi difícil, pois, os mesmos vinham sobre encomenda com a medida exata das paredes que iriam recebe-los, e, conseqüentemente não coincidiram com o prédio da Reitoria. Conforme Valladares (1953) aponta, houve uma preocupação com a escolha dos temas destinados a cada ambiente juntamente com a dimensão dos painéis. O resultado foi muito bom e, sendo assim, parte da história desse precioso Solar

persiste até os dias atuais enriquecendo, portanto, o nosso patrimônio artístico e histórico.

### **Projeto: Estudo dos azulejos do Museu de Arte Sacra (Solar Bom Gosto)**

O patrimônio azulejar do Solar Bom Gosto foi removido no momento da sua demolição na década de 30, sendo alguns dos painéis posteriormente assentados na Reitoria da UFBA, onde ainda hoje ornaram diversos ambiente. A outra parte da referida coleção, permaneceu por muitos anos armazenada no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia até que, num gesto que demonstrou muita sensibilidade e respeito pelo patrimônio, o professor Eugênio Lins, então diretor do MAS, deu início a alguns estudos desse precioso acervo, chamando atenção para sua real importância. Valladares (1953, p. 37) chama atenção para a coleção da seguinte forma:

Nem todos os silhares que ornavam os Solar Bom Gosto puderam ser aproveitados no edifício da reitoria. Nalguns, de tal sorte os ladrilhos ficaram prejudicados com a remoção, que se tornou impraticável reconstituir os painéis. Quase todos os rodapés se inutilizaram. A maioria, porém, e o que havia de melhor, conseguiu-se aproveitar.

Foi então que no ano de 1997, após arrumação geral no Museu de Arte Sacra o Professor Eugênio Lins ao identificar a grande quantidade de azulejos acondicionados em caixas de madeira oriundos do antigo Solar Bom Gosto. Percebendo o estado de conservação destes caixotes e, conseqüentemente, dos azulejos, em busca de solução para o problema fez parceria com o projeto UFBA Cidadania desenvolvido através de oficinas de restauração de bens móveis com jovens carentes do Projeto Axé e FUNDAC. Este projeto teve duração de um ano e estes jovens foram treinados para identificar as peças e juntá-las para que assim conseguisse assinalar a quantidade de painéis. O resultado não foi satisfatório devido o curto tempo de preparo e treinamento com os jovens. O resultado foi o acondicionamento em caixas de plástico e algumas peças identificadas.

Em função destas observações preliminares foi constatado a necessidade de uma intervenção especializada, com isso, no ano de 2000, o novo diretor do Museu de Arte Sacra, Francisco Portugal, dá continuidade ao trabalho da gestão anterior e prossegue com as atividades deste importante acervo concretizando parceria com a SEPLANTEC, que entra com o recurso financeiro e realiza o projeto *Estudo dos Azulejos do Museu de Arte Sacra (Solar Bom Gosto)* contratando a

restauradora Zeila Maria Machado com sua equipe sob a coordenação do Museu de Arte Sacra.

O projeto teve o objetivo de identificar, quantificar e diagnosticar o estado de conservação do acervo que transcorreu entre os meses de agosto a outubro de 2000. Os azulejos estavam acondicionados em caixas de plástico (Fig. 5), conforme explicitado acima, apresentavam grande volume de peças fragmentadas, existência de fezes de animais, fixação de argamassas antigas, muita sujeira e poeira, também foi detectada a possibilidade de existência de sais por apresentar perda do vidrado nas extremidades, mas só será confirmado com o teste de salinidade realizado durante a restauração dos mesmos.



Figura 5: Azulejos soltos e misturados em caixas plásticas. Foto: Zeila Maria Machado



Figura 6: Azulejos acondicionados em caixas de plástico. Foto: Zeila Maria Machado

Em outubro de 2000 houve um seminário denominado *Patrimônio Azulejar Brasileiro: Aspectos históricos e de conservação* no Museu Costa Pinto na cidade de Salvador, Bahia, e dentre os convidados para as conferências encontrava-se a



Dra. Professora Dora Alcântara, pesquisadora de História da Arte e especialista em azulejaria do século XIX conheceu através de fotografia o acervo acondicionado no Museu de Arte Sacra, onde emitiu o comentário:

Os azulejos depositados no Museu de Arte Sacra, cujo registro fotográfico tive oportunidade de ver, possuem grande valor e merecem trabalho de restauração que os complemente, já que várias peças ficaram perdidas.

Diante da experiência já existente neste gênero de trabalho, não será difícil sua restauração e o produto dela resultante compensará o esforço pelo valor que representa este conjunto.

O projeto decorreu com muito sucesso pois foram identificados a existência de quarenta e dois painéis complementares da coleção que ornamenta a Reitoria da UFBA, sendo que, destes quarenta e dois, trinta e quatro painéis podem ser restaurados e oito dependem de maiores referências para que se proceda a restauração, pois há perdas consideráveis de suas peças.

### **Metodologia adotada**

A iniciação dos serviços de identificação e diagnóstico dos painéis se deu de forma sistemática escolhendo cada caixa separadamente e assim executando a separação das peças da seguinte maneira (Machado, 2000):

- a. Registro fotográfico.
- b. Remoção dos azulejos das caixas de plástico com limpeza superficial passando pincel trincha de cerda macia em cada peça.
- c. Execução da limpeza de cada peça com solução de água deionizada, álcool absoluto e detergente neutro.
- d. Remoção das argamassas de assentamento.
- e. Separação das peças por numeração individual. No momento da fabricação dos azulejos os artífices numeravam as peças e davam o nome do painel.
- f. Acondicionamento dos painéis encontrados nas mesmas caixas de plástico, porém com identificação dos mesmos (Fig. 7).
- g. Relatório final afim de documentar todo o processo adotado.














Figura 7: Azulejos acondicionados em caixas de plástico após todo estudo. Foto: Zeila Maria Machado

Foram identificados a existência de quarenta e dois painéis de azulejos entre os séculos XVIII e XIX e que foi classificado por uma série de treze diferentes espécies, os figurados com motivos florais, sacros e profanos. Dentre eles pode-se concluir que houve painéis (oito) com grande número de perda total de peças, que para serem restaurados será imprescindível maiores referências, ou seja, estudo minucioso para a confecção de peças e trinta e quatro painéis encontram-se passíveis de imediata restauração (Machado, 2000).

Ao compararmos este acervo com o exposto na Reitoria podemos ultimar que de fato os painéis do Museu de Arte Sacra são a continuação dos que estão fixados na Reitoria, segundo Valladares (1953) os painéis da Reitoria são circunspetos por uma série de treze caracterizados pelos seus enquadramentos e tons e mais uns quatro painéis destacados, e ele atenta que no caso de molduras idênticas, a diversidade dos temas representados correspondia a contra – marcas diferentes no reverso dos azulejos, denotando tratar-se não de uma, mas de duas séries.

Os azulejos do Museu foram identificados e diagnosticados e foi detectado também uma série de treze painéis diferentes que estão explicitadas em tabela abaixo (Machado, 2000), onde se tem *identificação do painel* na tabela que é seguido de códigos abaixo significam os nomes dados para cada painel para assim identifica-los na sua armazenagem.

Tabela 1 - Diagnóstico dos painéis de azulejos do Solar Bom Gosto

SÉRIE	IDENTIFICAÇÃO DO PAINEL	DIMENSÃO (m)	POSSIBILIDADE DE RESTAURO
1	H	1,20 X 1,05	Restaurável
	G	1,50 X 1,90	Restaurável
	D	-	Estudo preliminar
	C	1,35 X 1,95	Restaurável
2	D	-	Estudo preliminar
3	_c	1,65 X 1,80	Restaurável
4	T	0,60 X 1,50	Restaurável
	e	1,50 X 2,70	Restaurável
	b	1,35 X 3,60	Restaurável
5	XX	-	Estudo preliminar
	△	-	Estudo preliminar
6	F	0,90 X 1,65	Restaurável
7	24	1,35 X 2,10	Restaurável
	17	1,35 X 2,10	Restaurável
	2	1,20 X 1,80	Restaurável
	11	1,50 X 1,95	Restaurável
	20	1,05 X 1,95	Restaurável
8	=	1,50 X 3,15	Restaurável
		1,50 X 1,80	Restaurável
9		1,35 X 1,58	Restaurável
		1,65 X 3,30	Restaurável
	M	1,20 X 1,80	Restaurável
	_0	0,75 X 1,80	Restaurável
		1,65 X 1,35	Restaurável
		1,05 X 1,80	Restaurável
10	(14)	1,80 X 3,00	Restaurável
	(11)	1,95 X 2,70	Restaurável
	17	-	Estudo preliminar
11	E	2,40 X 1,85	Restaurável
	C	-	Estudo preliminar
12		<b>1,50 X 5,40</b>	<b>Restaurado</b>
	0	1,65 X 2,95	Restaurável
		1,50 X 1,90	Restaurável
	X	<b>1,50 X 1,35</b>	<b>Restaurado</b>
13		2,40 X 3,30	Restaurável
	5	2,40 X 3,90	Restaurável
		2,40 X 1,35	Restaurável
	8	2,40 X 0,90	Restaurável
		2,40 X 1,65	Restaurável
	3	2,40 X 0,60	Restaurável
	C'	-	Estudo preliminar
		-	Estudo preliminar

De todos os painéis apenas dois passaram por processo de restauração e estão expostos no salão de festas do Museu (Fig. 8, 9 e 10). O painel maior foi dividido em quatro por não ter uma parede com a largura para ele e optou-se em destaca-los com uma moldura em madeira para deixar claro que eles não pertenceram ao antigo Convento de Santa Tereza que hoje é o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.



Figuras 8 e 9: Painel neoclássico (esq.) e Painel neoclássico que foi dividido (dir.) Fotos: Zeila Maria Machado



Figura 10: Vista geral dos painéis assentados no salão do Museu. Foto: Zeila Maria Machado

Diante do resultado, fica claro a raridade do acervo azulejar do Solar Bom Gosto ou Solar Aguiar, registro de grande valor para o patrimônio histórico nacional, tornando de vital importância seu resgate.

### Investigação iconográfica

Os silhares de azulejos provenientes do Solar Bom Gosto são do tipo que as oficinas portuguesas fabricavam desde o terceiro quartel do século XVIII até cerca de 1830. Existe os de estilo mais antigo com cartelas de concheado rococó e os de estilo mais recente com cartelas que assumem configuração retangular ou oval, ao gosto neoclássico. Encontramos as cenas em azul e branco e moldura policromada com uso do amarelo, verde e roxo.

No que se refere à indumentária, nas diversas cenas de costume (peça, caça, galanteios, musicais, etc.) retratadas nos painéis deste Solar, não se tem rigor em definição cronológica, uma vez que a figuração apresentada demonstra inspiração em gravuras e estampas que circulavam nas oficinas de azulejos desde o começo do século XVIII. Mas, segundo Simões (1965), pode-se considerar que este conjunto foi fabricado de 1790-1800.

Apresenta-se várias cenas de cotidiano que valorizam a relação com a natureza, como passeios em jardins, caça, pesca, passeio de barcos, cenas musicais representadas em azul e branco com características do rococó nas suas molduras (Fig. 11a, 11b, 12a, 12b, 13a e 13b) ou cenas bíblicas possivelmente do velho testamento onde a figuração está em azul e branco, porém, a moldura é colorida em amarelo, verde, roxo e branco.



Figura 11a: Painel em azul e branco dividido por moldura rococó trazendo duas cenas: um passeio de barco e outra de um casal passeando num bosque e encontra com um jovem tocando uma charamela (instrumento muito utilizado nesse período). Série 9, painel ● Foto: Zeila Maria Machado.



Figura 11b: Detalhe da cena da metade direita do painel, com o casal passeando e um jovem tocando uma charamela. Foto: Zeila Maria Machado.

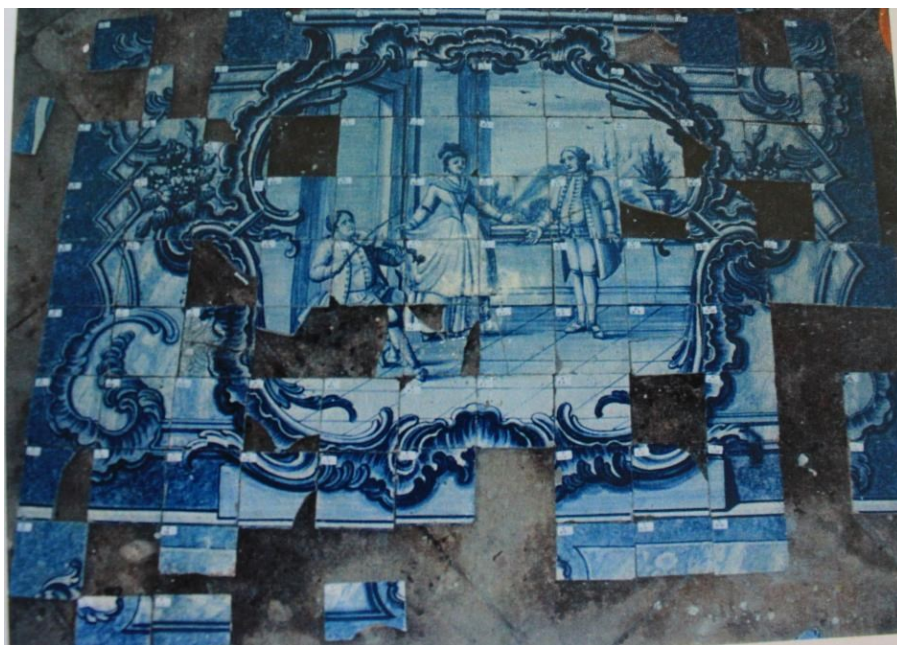


Figura 12a: Casal no interior de uma residência aparentemente dançando e sendo acompanhado por um músico tocando violino. Série 8, painel ● Foto: Zeila Maria Machado



Figura 12b: Detelhe da cena. Foto: Zeila Maria Machado



Figura 13a: Painel em azul e branco dividido por moldura rococó trazendo uma cena de festa onde um homem toca charamela e um grupo dança. Série 5, painel  $\Delta$  Foto: Zeila Maria Machado



Figura 13b: Detalhe da parte central e direita do painel, com pessoas dançando acompanhadas por um homem tocando charamela. Foto: Zeila Maria Machado

O azulejo é um revestimento inserido na arquitetura desde o século XIV, mas é em Portugal que ele ganha notoriedade desde o século XVI passando a ser uma referência na cultura portuguesa e, conseqüentemente, o Brasil recebe esta arte e a Bahia é uma referência. Existe uma canção portuguesa chamada de *Fado dos Azulejos*, cuja composição é de Ary Dos Santos e Martinho d'Assun que expõe a influência desta arte em toda tradição portuguesa que atravessando o oceano chega ao Brasil da mesma forma.

Azulejos da cidade,  
numa parede ou num banco,  
são ladrilhas da saudade  
vestida de azul e branco.

Bocados da minha vida,  
todos vidrados de mágoa,  
azulejos, despedida  
dos meus olhos, rasos de água.

À flor dum azulejo, uma menina;  
do outro, um cão que ladra e um pastor.



Ai, moldura pequenina,  
que és a banda desenhada  
nas paredes do amor.

Azulejos desbotados  
por quanto viram chorar.  
Azulejos tão cansados  
por quantos vira m passar.

Podem dizer-vos que não  
podem querer-vos maltratar:  
de dentro do coração  
ninguém vos pode arrancar.

À flor dum azulejo, um passarinho,  
um cravo e um cavalo de brincar;  
um coração com um espinho,  
uma flor de azevinho  
e uma cor azul luar.

À flor do azulejo, a cor do Tejo  
e um barco antigo, ainda por largar.  
Distância que já não vejo,  
e enche Lisboa de infância,  
e enche Lisboa de mar.

A beleza da música é a maneira como ela atinge todo um povo, explica de forma harmoniosa e poética os costumes, a cultura, o pensamento de um povo, também comparado com o azulejo, tudo isso é introduzido a cada dia na sua forma plástica.

## Conclusão

Este projeto identificou, quantificou e diagnosticou o estado de conservação de tal acervo, apontando a existência de quarenta e dois painéis de azulejos, em estilos do final do século XVIII e início do XIX, figurados com motivos florais, bíblicos e de cenas cotidianas. Destes, trinta e dois encontra-se passíveis de imediata restauração, pois, dois já passaram por restauração e oito deverão passar por processo de estudo mais aprofundado para assim poder definir se há possibilidade de restauro.

Na coleção procedente do Solar Bom Gosto foi identificado treze séries distintas de painéis figurativos, as quais são referentes a três grandes grupos. O primeiro deles com azulejos policromados e motivos florais, o segundo com painéis também policromados que retratam cenas bíblicas e a terceira série com azulejos figurativos em azul e branco que retratam cenas do cotidiano e que entre esses são apontados três painéis com a representação da iconografia musical, onde houve uma dedicação no que diz respeito a sua iconografia.

Após 82 anos parte do acervo azulejar do Solar Bom Gosto está à espera de um olhar mais sensível para que volte a serem expostos como esta magnífica coleção merece. O prédio finalizou a sua história na década de 30, mas o seu revestimento persiste com todo seu louvor retratando uma época.

É interessante notar como esta arte chega ao Brasil carregada da cultura portuguesa, transmitindo informações importantes em diversas áreas, contando sua história. Com isso, conclui-se que este é um patrimônio que deve se preservar para que gerações futuras possam entender e se debruçar nessa tradição para assim entender todo o processo cultural deste país.

## **Referências Bibliográficas**

MACHADO, Zeila Maria de Oliveira. Relatório Final: Estudo dos Azulejos do Museu de Arte Sacra (Solar Bom Gosto), novembro de 2000.

SANTOS e D'ASSUN. Ary Dos e Martinho. Fado dos Azulejos. Acesso em: 11 agosto 2015. Disponível em: <http://m.letras.mus.br/carlos-do-carmo/239890/>

SIMÕES, João Miguel dos Santos. Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

VALLADARES, José. Azulejos da Reitoria. Universidade Federal da Bahia, 1953.